


revista EDUCAÇÃO ESPÍRITA

Ano 1 - Número 2 - Maio / Junho de 2024



**Conversando com Pestalozzi
Herculano Pires e a educação
A geração nova
Oficina de teatro
Educando para a vida espiritual**

SUMÁRIO

Editorial 3

Conversando com Pestalozzi 4

Estante Espírita 7

Herculano Pires e a educação 8

A geração nova 11

Oficina de teatro 13

Da teoria à prática 15

Educando para a vida espiritual 18

Atividade prática 19

Divulgando 21

Pensando a educação 22

REVISTA EDUCAÇÃO ESPÍRITA

Ano 1, Número 2, Maio/Junho de 2024

Editor-Chefe

Marcus De Mario

Projeto Editorial e Diagramação

A.J. Orlando

Contatos

Whatsapp/Telegram (21) 99397-1688

E-mail: revistaeducacaoespirita@gmail.com

A Revista Educação Espírita não pertence a nenhuma instituição, sendo trabalho coletivo realizado por educadores espíritas.

Distribuição gratuita.

Colaborações enviadas e não publicadas não serão devolvidas. Reservamos o direito de publicar somente o que estiver de acordo com a linha editorial.

Colaboradores deste número

Anabela Sabino,
Dalva Silva Souza,
Marcus De Mario,
Orson Peter Carrara e
Walter Oliveira Alves (in memorium).

EDITORIAL

Lançada a edição número 01 da revista *Educação Espírita* no último mês de março, especificamente no dia 05, com sua distribuição gratuita através das listas de transmissão dos comunicadores instantâneos, e também por e-mail, atendendo diretamente pouco mais de duzentos assinantes prévios numa primeira etapa, e para mais de quinhentos em seguida, desde então estamos colhendo os frutos dessa iniciativa, e nos felicitamos pelas críticas positivas recebidas, assim como pelas saudações com palavras de entusiasmo, vendo diariamente crescer o número de pessoas que se cadastram para receber bimestralmente o seu exemplar.

Agradecemos, de todo coração, aos colaboradores da primeira hora, como o nosso estimado irmão A. J. Orlando, responsável pelo projeto gráfico, que prontamente colocou-se à disposição para o trabalho. Também agradecemos aos amigos e amigas que enviaram suas colaborações para o primeiro número: Antonio Cesar Perri de Carvalho, Dalva Silva Souza, Orson Carrara e Walter Oliveira Alves (em justa homenagem). Igualmente deixamos aqui nosso preito de gratidão a todos que multiplicaram a divulgação, fazendo com que a revista ficasse conhecida por todo o Brasil, e mundo afora.

É nossa preocupação fazer uma revista que equilibre seu conteúdo entre a teoria e a prática, mostrando o quanto o Espiritismo contribui com a Educação, tanto no serviço de evangelização desenvolvido nos centros espíritas, quanto no trabalho realizado nas escolas, assim como na missão educativa dos pais na família.

Esta não é uma revista para abrigar em suas páginas polêmicas e discussões, pois o Espiritismo, como doutrina de educação do ser imortal e reencarnado, basta a si mesmo, com princípios, conceitos e corpo doutrinário muito bem estruturados, na finalidade maior de contribuir para a transformação moral dos indivíduos e da humanidade.

Pouco a pouco, como nos solicitam a melhor metodologia e didática, iremos expor as diversas contribuições do Espiritismo à Pedagogia e à práxis educativa, sempre com o apoio firme, seguro, da Codificação Espírita, que nos traz os ensinamentos dos Espíritos Superiores, assim como os comentários seguros com a assinatura de Allan Kardec.

Aqui está a edição número dois. Que seu conteúdo traga valiosas contribuições para você, educador.

Marcus De Mario

Editor-Chefe

Conversando com Pestalozzi

Redação

A tarefa de educar é a mais importante que podemos exercer na atual encarnação. Primeiro, educando-nos, ou seja, realizando esforços para melhorarmos-nos, pois somente educa quem, de fato, consegue exemplificar em palavras e atos o que ensina.

Nesta entrevista, apresentamos uma conversa que realizamos com o mestre Pestalozzi, naturalmente utilizando-nos de seus escritos para montagem do texto, na verdade a Carta de Stans, documento muito importante para a educação, onde ele revela suas ideias, seus princípios e sua metodologia de trabalho. A Carta de Stans é verdadeiro documento pedagógico, onde temos Pestalozzi com todo sentimento, com todo ardor pela educação, e onde encontramos a base de tudo o que ele viria posteriormente a desenvolver no Instituto de Iverdon. Vamos à entrevista:

REE - A política exercida pelos homens pode mudar o cenário da educação?

Pestalozzi - Nunca acreditei na exterioridade da forma política, mas acredito que alguns conceitos trazidos pelos políticos à ordem do dia e alguns interesses suscitados, podem acarretar aqui e ali alguma coisa verdadeiramente boa para a humanidade.

REE - Isso quer dizer que ao falar da educação popular, não entende que ela deva ser feita pelo governo?

Pestalozzi - Trouxe à baila, o quanto pude, meus velhos anseios de educação popular e confiei-os,

primorosamente, com toda a envergadura em que os concebia, ao Diretório (governo provisório da Suíça). Eu e Legrand (membro do Diretório) concordávamos que a formação popular podia ter maior eficácia, atingindo um número apreciável das crianças mais pobres, dando-lhes educação completa, se essas crianças não fossem retiradas do seu meio, mas se tornassem, ao contrário, por meio da educação, muito mais atadas a ele. O governo me apoiou quando da tragédia de Unterwalden (1798), e pude ali instalar um Instituto (Orfanato de Stans), mas logo perdi o apoio governamental, era preciso investir o dinheiro em outras ações, e não na educação.

REE - Essa experiência foi dramática, educando crianças órfãs, pobres, abandonadas, vítimas da guerra ...

Pestalozzi - A completa ausência de formação escolar era o que menos me preocupava. Confiante nas faculdades da natureza humana, que Deus colocou também nas crianças mais pobres e mais desprezadas, eu não tinha apenas aprendido em experiências anteriores que essa natureza desdobra as mais formosas potencialidades e capacidades em meio ao lodo da rudeza, do embrutecimento e da ruína, mas via nas minhas próprias crianças irromper essa força viva, mesmo em meio a toda sua brutalidade. Eu sabia o quanto a própria miséria e as necessidades da vida contribuem para mostrar

aos homens a relação essencial das coisas, para desenvolver a mente sadia e o bom senso e para estimular energias – que parecem estar no fundo da existência, cobertas de imundície, mas que, se limpas do lodo ao redor, brilham intensamente.

REE - E qual era seu objetivo nesse instituto, na verdade um orfanato de crianças pobres?

Pestalozzi - Elevar as crianças da lama e transplantá-las para um ambiente simples, mas puro, doméstico, onde as relações fossem as de uma família. Eu estava convencido de que apenas isso era preciso, e essas disposições naturais desportariam num sentido elevado, com energia superior, para se provarem capazes de tudo o que satisfaz o espírito e corresponde à mais profunda tendência do coração.

REE - E o senhor teve apoio acadêmico?

Pestalozzi - Não havia ninguém nessa terra de Deus que quisesse partilhar o meu ponto de vista a respeito das aulas e da orientação das crianças. Quanto mais instruída e cultivada era a maior parte das pessoas, menos me entendiam e menos se mostravam capazes de se firmar, nem ao menos teoricamente, nos pontos iniciais a que eu procurava retornar. Todas as suas ideias a respeito da organização, das necessidades do empreendimento, etc., eram totalmente estranhas às minhas. Resistiam sobretudo à ideia e à possibilidade de não se recorrer a nenhum recurso artificial, de se usar apenas como recurso educativo a natureza à volta das crianças, as necessidades diárias e sua atividade, sempre animada.

REE - Pelo que entendemos o senhor usou o Orfanato de Stans como um laboratório para provar a certeza de sua teoria. Foi isso mesmo?

Pestalozzi - Eu pretendia provar, com minha experiência, que as vantagens da educação familiar devem ser reproduzidas pela educação pública e que a segunda só tem valor para a humanidade se imitar a primeira.

REE - E como o senhor define o ensino esco-

lar?

Pestalozzi - Aos meus olhos, ensino escolar que não abranja todo o espírito, como exige a educação do homem, e que não seja construído sobre a totalidade viva das relações familiares, conduz apenas a um método artificial de encolhimento de nossa espécie.

REE - Ou seja, mais do que o ensino importante é a educação? E os professores devem ser verdadeiros pais?

Pestalozzi - Toda a boa educação exige que o olho materno acompanhe, dentro do lar, a cada dia, a cada hora, toda a mudança no estado de alma de seu filho, lendo-o com segurança nos seus olhos, na sua boca, na sua frente. E exige essencialmente que a força do educador seja pura força paterna, animada pela presença, em toda a extensão, das circunstâncias familiares.

REE - E foi assim que o senhor fez no instituto?

Pestalozzi - Sobre isso eu construí. Que o meu coração preso às crianças, que a sua felicidade era a minha felicidade; a sua alegria, a minha alegria; elas deviam ler isso na minha frente; perceber isso nos meus lábios, desde manhã cedo até tarde da noite, a cada instante do dia.

REE - Como discípulo de Rousseau, o senhor sempre acreditou no desenvolvimento da bondade da criança. No processo educacional como isso pode ser trabalhado?

Pestalozzi - O homem quer o bem com tanto gosto, a criança tem tanto prazer em abrir os ouvidos para o bem! Mas ela não o quer por causa do professor, ela não o quer por causa do educador, ela o quer por si mesma. O bem para o qual o professor deve conduzi-la, não deve ter nenhuma relação com os caprichos e as paixões do professor. É preciso que a natureza da coisa seja boa em si e pareça boa aos olhos da criança. Ela precisa sentir a necessidade da vontade do professor, conforme sua situação e suas carências, antes que ela queira a mesma coisa. Ela quer tudo o que a torna amável, tudo o que lhe traz

reconhecimento, tudo o que excita nela grandes expectativas, tudo o que nela gera energias, que a faça dizer: “eu sei fazer”. Mas toda essa vontade não é produzida por palavras, e sim pelos cuidados que cercam a criança e pelos sentimentos e forças gerados por esses cuidados. As palavras não produzem a coisa em si, mas apenas o seu significado.

REE - Desde o início do trabalho no Instituto de Stans sua teoria foi aprovada pela prática?

Pestalozzi - Não. O primeiro efeito dessa teoria e dessa prática, no geral, não foi nada satisfatório, e não poderia sê-lo. As crianças não acreditavam tão facilmente no meu amor. Acostumadas à ociosidade, a uma vida de abandono e embrutecimento, se queixavam de tédio e não queriam ficar.

REE - Nem todas as crianças eram órfãs. Os pais apoiavam seu trabalho?

Pestalozzi - O estado doentio de várias crianças durou longo tempo, e era agravado pela influência dos pais. Retiravam as crianças do instituto e as levavam para a rua, para esmolar. Os pais pensaram logo que me faziam um favor pessoal se seus filhos ficassem, pois acreditavam que aceitara esse trabalho por miséria, por não ter outra coisa melhor a fazer.

REE - Quais foram suas primeiras ações educativas no Orfanato de Stans?

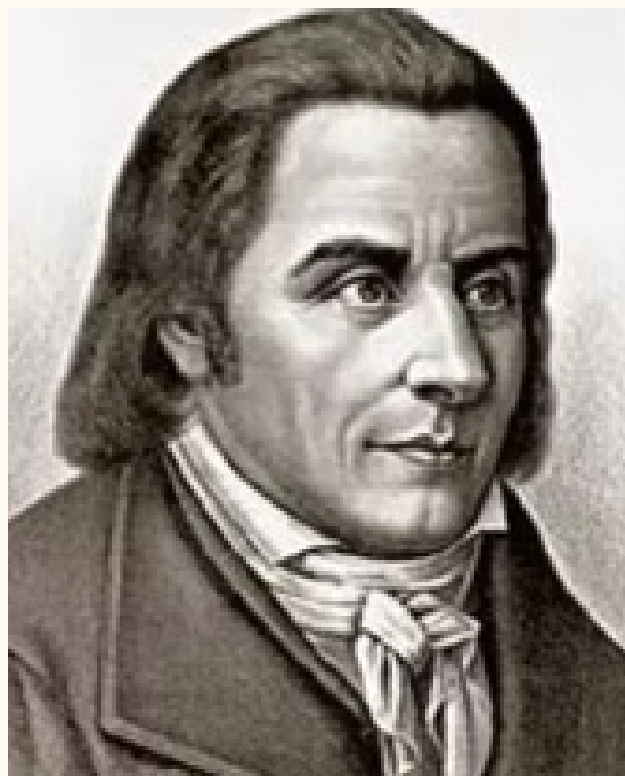
Pestalozzi - Minha meta principal direcionou-se, antes de mais nada, a tornar as crianças irmãs, cultivando os primeiros sentimentos da vida em comum e desenvolvendo suas primeiras faculdades nesse sentido. Com isso, minha intenção era fundir a casa no espírito simples de uma grande comunidade familiar e, sobre a base de tal relacionamento e da predisposição por ele gerada, suscitar em todos um sentimento de justiça e moralidade.

REE - E como conseguiu cultivar esse sentimento?

Pestalozzi - Eu despertava os sentimentos das

virtudes antes que se fizessem discursos sobre elas, pois considerava prejudicial tratar com as crianças de alguma coisa enquanto não soubessem do que falavam. Além disso, ligava esses sentimentos a exercícios de autodomínio, para lhes dar imediata aplicação na conduta da vida. Essas experiências me ensinaram que o habituar-se simplesmente às atitudes de uma vida virtuosa faz mais por uma verdadeira educação da capacidade moral que todos os ensinamentos e pregações não assentados sobre esses recursos.

REE

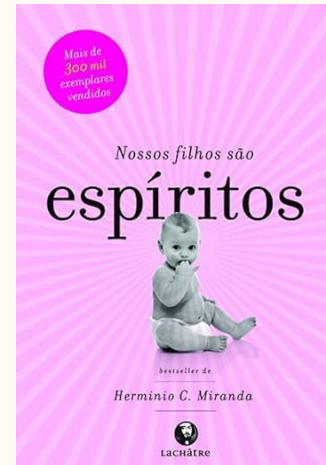


Estante Espírita

NOSSOS FILHOS SÃO ESPÍRITOS HERMÍNIO CORRÊA DE MIRANDA

Além do corpinho frágil com que iniciamos nossas vidas, existe um espírito imortal dotado de personalidade, maturidade e tendências que podem ser modificadas através da educação e dedicação dos pais. O importante na tarefa de administrar o relacionamento pais/filhos está na convicção nítida da realidade espiritual, pela qual trazemos um vasto e pouco explorado universo inespacial, extremamente rico em potencialidades e cujo conhecimento ajuda a entender melhor aquilo que chamamos “o ofício de viver”. Descubra como entender melhor seu filho!

Lachâtre Editora – 240 páginas

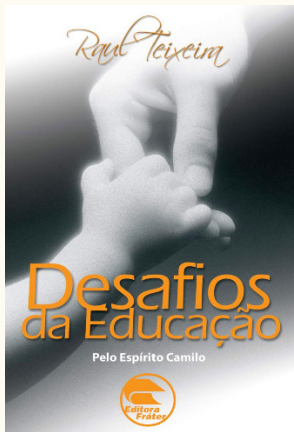


DESAFIOS DA EDUCAÇÃO

CAMILO / JOSÉ RAUL TEIXEIRA

Nas várias perguntas elaboradas, percebe-se o interesse por melhor entendimento da vida, desde a aplicação dos processos educacionais na fase infantil até a maturidade. Dentre outros temas, indaga-se sobre os períodos da gestação humana e as novas tendências do Movimento espírita. Desafios da educação reúne um elenco de questões apresentadas por companheiros da lida espírita ao médium Raul Teixeira, cujas respostas são elaboradas sob a inspiração do benfeitor Camilo. Tópicos que perpassam por vários fenômenos que rodeiam a criatura humana, nas experiências do mundo, clareiam-lhe o raciocínio nas luzes do consolador prometido por Jesus. e das artes na educação.

Editora Fráter – 115 páginas

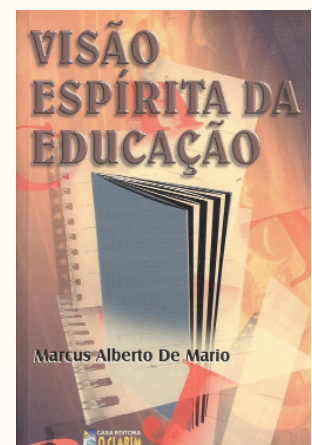


VISÃO ESPÍRITA DA EDUCAÇÃO

MARCUS DE MARIO

Reunião de estudos sobre vários temas da área educacional através dos princípios oferecidos pelo Espiritismo, que é a doutrina da educação da alma. Conceitos sobre educação moral, família, ensino religioso, escola, sexualidade, pedagogia do sentimento e outros temas de importância são analisados neste livro. É uma obra cuja base é a defesa da educação moral, alicerçada nos princípios encontrados nos livros da Codificação Espírita.

Editora O Clarim – 112 páginas



Herculano Pires e a educação

Muitos disseram à época que Herculano Pires estava forçando interpretações para ligar o Espiritismo à Educação, e que ele queria transformar os Centros Espíritas em Escolas..



Marcus De Mario

Marcus De Mario é educador, escritor e palestrante. Coordena o Grupo de Estudo Espírita Seara de Luz, do Rio de Janeiro. É editor do canal Orientação Espírita no Youtube. Autor de 35 livros publicados.

Ao ser anunciado pela UNESCO o ano de 1970 como Ano Internacional da Educação, José Herculano Pires (1914-1979) conversou com Frederico Giannini Júnior (1908-1984), então diretor-proprietário da Edicel, editora espírita com sede na capital paulista, apresentando-lhe a ideia de publicar uma revista espírita dedicada à educação. A empreitada não seria fácil por vários motivos. O primeiro deles, gigantesco, era de ordem financeira, numa época em que a tecnologia digital e a internet eram apenas ficção, significando que uma revista somente poderia vir a público na forma impressa, com altos custos gráficos. Como Herculano Pires não era de desistir tão fácil de uma ideia que acalentava desde muito antes, pois sempre fora voltado à educação, e sempre entendera que o Espiritismo

é essencialmente doutrina de educação do espírito reencarnado, começou a trabalhar, secundado pelo Giannini, que “comprou” a ideia e começou a sonhar com a revista.

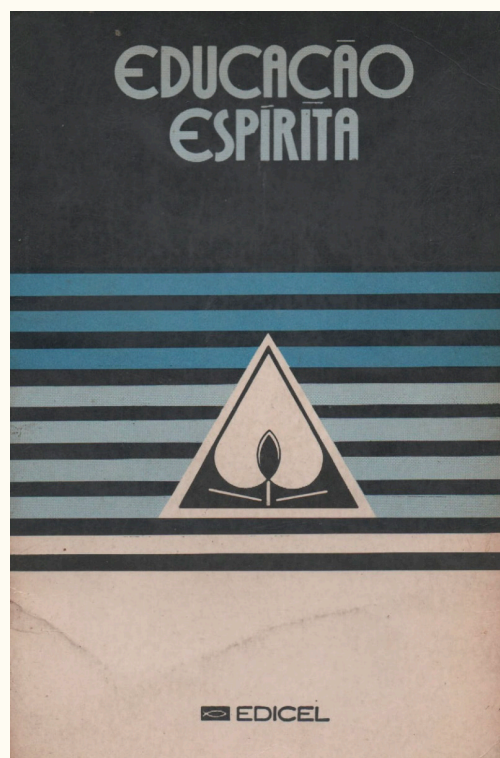
Herculano convidou o jovem Merhy Seba (1937-2023) para criar a logo da revista, sua identidade visual, e este desenhou o símbolo que se fez capa da primeira edição. Lembremos que Merhy, na sequência, trabalhou muito pela USE SP – União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, sendo criador de várias campanhas publicitárias de sucesso, além de realizar muitas oficinas e cursos de capacitação no movimento espírita.

Aparentemente dois obstáculos estavam superados. A Edicel iria bancar o lançamento da revista, e a mesma já tinha logo e projeto gráfico. E tinha nome: revista **Educação Espírita**. Entretanto, faltava o essencial: o conteúdo. Apesar dos convites e apelos aos amigos espíritas, quase

ninguém se animou em colaborar com textos inéditos. Pelo contrário, houve uma campanha no movimento espírita contra a revista, pois muitos não conseguiam alcançar o entendimento que Herculano Pires possuía. Com esse impasse, o tempo passou, os meses foram ficando para trás, até que, finalmente, as condições básicas foram reunidas, e a revista foi lançada no mês de dezembro de 1970, no final do ano consagrado internacionalmente à educação.

O editor Giannini Júnior acreditou que a venda dos exemplares da revista cobriria o custo de produção, mas isso não aconteceu. O movimento espírita recebeu com frieza e indiferença o primeiro número. Herculano Pires foi acusado de autopromoção, afinal, com exceção do artigo assinado por Humberto Mariotti (1905-1982), valoroso espírita argentino, os demais conteúdos foram assinados pelo próprio Herculano, que usou seu nome e dois pseudônimos: José Amaral Simonetti e Irmão Saulo. Foi a única saída encontrada para finalmente conseguir publicar a revista. Mas não foi somente essa acusação. Muitos disseram à época que Herculano Pires estava forçando interpretações para ligar o Espiritismo à Educação, e que ele queria transformar os Centros Espíritas em Escolas. Não, não houve autopromoção nem interpretação forçada, e sim, houve má vontade para aquele que, segundo o benfeitor espiritual Emmanuel, conforme depoimento do médium Chico Xavier, era “o metro que melhor mediu Kardec”, e que não abria mão do que era certo, na teoria e na prática, com relação à Doutrina Espírita.

Para termos uma ideia do que foi a campanha contra a revista, Giannini Júnior e Herculano Pires somente conseguiram lançar o número dois no trimestre julho-setembro de 1972,



ou seja, quase dois anos depois. Esse número trouxe a colaboração de Deolindo Amorim, Iracema Sapucaia Rizzini, Walter Nieble de Freitas, Vicente Peixoto, Ary Lex, entre outros. As barreiras pareciam ter sido vencidas, e o número 3 saiu no trimestre seguinte, fechando o ano com os números 2 e 3 lançados. Mas as vendas não corresponderam, e o ano de 1973 conheceu apenas os números 4 e 5 da revista, um para cada semestre. Cansado, Herculano Pires conseguiu reunir forças para mais um e derradeiro número no ano de 1974, encerrando a revista por falta da contrapartida dos espíritas.

Como vemos, a revista *Educação Espírita*, lançada por José Herculano Pires em dezembro de 1970, teve apenas 6 números, encerrando as atividades em 1974. No editorial do número 6, o último, Herculano não alinha ne-



José Herculano Pires, Merhy Seba e Frederico Gianini (então editor-proprietário da Edicel), no lançamento da revista *Educação Espírita*, em 1970, em São Paulo.

nhuma queixa, pelo contrário, escreve palavras de entusiasmo, ressaltando a pujança do movimento e da cultura espíritas nas terras brasileiras.

O pioneirismo foi vencido pelas barreiras da incompreensão, mas a ideia marcou o movimento espírita, que tempos depois lançou a Campanha de Evangelização Espírita Infantojuvenil, assim como o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, dando início a uma nova etapa da difusão do Espiritismo. E a Edicel, no ano de 1985, reúne os textos de Herculano Pires publicados nas seis edições da revista e faz o lançamento

do livro *Pedagogia Espírita*, hoje em nova edição pela Editora Paidéia.

Numa sincera homenagem a José Herculano Pires, Frederico Giannini Júnior e Merhy Seba, e também a todos que sempre entenderam o Espiritismo como doutrina de educação do Espírito imortal e reencarnado, aqui estamos, numa nova época, num novo formato e com novas ferramentas tecnológicas, dando continuidade à Era do Espírito, resgatando, com amor e carinho, com fé e confiança, a revista *Educação Espírita*, num novo tempo, visando os tempos futuros.

REE

A geração nova

A visão proposta pelo Espiritismo estabelece um equilíbrio entre o otimismo e o pessimismo pedagógico, reconhecendo o poder transformador da educação e as limitações inerentes ao processo.



Dalva Silva Souza

Dalva Silva Souza é formada em Letras, é escritora e conferencista espírita. Atualmente, coordena o Núcleo de Estudo do Evangelho da Federação Espírita do Estado do Espírito Santo.

No último capítulo do livro *A Gênese*, Allan Kardec informa que, na transição para a nova era, surgiria uma geração cujo brilho seria moldado pela fusão singular de inteligência precoce e propensão para o bem. Não que essa geração venha a ser resultado da encarnação de Espíritos superiores (ver a escala espírita), mas seriam seres que carregariam consigo algum progresso moral e intelectual, uma promessa de renovação em meio à estagnação da geração anterior, cujos componentes, em grande maioria, ao que vemos ainda hoje, permanece mergulhada nas sombras da materialidade, centrada em interesses egoístas e muitas vezes revoltada contra as leis divinas, muito envolvida nas teias das paixões degradantes, incapaz de vislumbrar além do véu da ilusão que

as aprisiona.

De fato, podemos constatar, atualmente, a presença de crianças e jovens com atitudes bem diferenciadas da geração mais antiga. Essa geração nova, contudo, precisa do balizamento da educação que lhe possa ser oferecida, para que não se percam os impulsos de renovação que traz. Nesse contexto, a importância da educação se revela como a chave mestra do progresso moral, para que possamos adentrar a realidade nova do mundo de regeneração. É preciso transcender o modelo tradicional e abraçar novas práticas educacionais que cultivem não apenas o intelecto, mas também atitudes solidárias e o pensamento otimista em relação ao futuro. Devemos mostrar às novas gerações as inúmeras virtudes presentes na Terra, os frutos das ações altruístas e orientá-las quanto à importância da saúde física, psicológica e espiritual.

Os pais e evangelizadores, por

exemplo, precisariam considerar os diferentes graus do conhecimento espírita, conforme tão bem explicou o professor Ney Lobo :

1º grau - conhecimento superficial: contato através de informações de outras pessoas ou de um livro que lhe cai às mãos;

2º grau - também superficial: frequência a palestras públicas, sem estudo aprofundado;

3º grau - **conhecimento consequente**: a pessoa se torna realmente espírita; tira as consequências morais para seus próprios problemas.

Experimentamos, na busca do conhecimento, a pressão de forças antagônicas ao conhecimento espírita consequente: o **obscurantismo** - combate o estudioso espírita, os congressos etc.; a **autossuficiência** - o indivíduo fica fascinado pelos poucos conhecimentos que possui e fica nisso; o **romancismo** - leitura estagnada nos romances espíritas. Ler romances pode ser o primeiro passo, porém, tem sido exagerado e mal conduzido; o **guiismo** - Ah! os guias é que sabem!

Para penetrar o conhecimento espírita de 3º grau, propôs o saudoso professor, seria preciso superar a artificialidade da vida atual. O conhecimento profundo se faria pelo estudo sistematizado da doutrina, mas um estudo que considerasse a base do “amai-vos”, porque a primeira consequência do amor é a união. O que tem comprometido o movimento espírita é a falta de amor, resultando em falta de união. Com a base do amor, o “instrui-vos” levaria ao conhecimento profundo da Doutrina Espírita, para alcançar a verdadeira transformação. É no conhecimento consequente que o estudioso avalia suas próprias imperfeições e se empenha em reduzi-las, solidificando assim uma conduta renovadora e dando início à reforma íntima.

Como Allan Kardec tão sabiamen-



Foto: Freepik

te expressou em A Gênese, a regeneração da humanidade não exige uma renovação integral dos Espíritos, mas sim uma modificação em suas disposições morais. E essa mudança está ao alcance de todos aqueles que se mostram predispostos, desde que se libertem da influência perniciosa dos ilusórios atrativos do mundo material. Como bem observa o Codificador, os incrédulos podem até rir dessas ideias e qualificá-las como quiméricas, mas inevitavelmente enfrentarão a lei comum da evolução espiritual e terão um dia que abrir os olhos para a verdade que lhes vem sendo revelada.

Entendamos, por fim, que a educação convenientemente conduzida formará indivíduos renovados que revolucionarão a ordem das coisas e construirão uma nova sociedade com base na fraternidade, trazendo, finalmente, o tempo novo de paz. Na verdade, podemos começar isso de imediato pela disposição de nos renovarmos desde agora. **REE**

Oficina de teatro

O teatro leva a criança a vivenciar certas situações e emoções. Enquanto vivencia, a criança trabalha com sua própria energia íntima, colocando-se no lugar do personagem.



Walter Oliveira Alves

O Espírito reencarnado começa a se expressar, neste mundo, no instante em que nasce. Sua primeira expressão é o choro.

Gradualmente, sua forma de expressão vai se ampliando com movimentos voluntários, gestos, risos, adquirindo gradualmente diversos matizes sonoros, até conquistar a palavra. As diversas formas de expressão, portanto, são naturais na criança, surgindo espontaneamente.

O educador, ao trabalhar com o teatro, estará oferecendo estímulos para a criança agir, corrigindo bloqueios que porventura o Espírito traga consigo ou tenha adquirido na primeira infância.

O educador, pois, deve criar um clima de alegria, confiança, amizade, permitindo que as crianças expressem seus sentimentos e sensações

de maneira natural. Observando sua atuação, conseguirá elementos para corrigir seus impulsos, direcionando sua energia criativa para canais superiores, incentivando o “bem” e o “belo”.

Lembre-se sempre de que a arte não é apenas uma forma de expressão, mas, acima de tudo, uma forma de crescimento interior, de desenvolvimento das potências da alma.

O teatro leva a criança a vivenciar certas situações e emoções. Enquanto vivencia, a criança trabalha com sua própria energia íntima, colocando-se no lugar do personagem. Ao vivenciar, poderá assimilar certos aspectos de sua personalidade e depois vivenciar na prática.

Portanto, devemos escolher o enredo e os personagens com cuidado. Destacar valores morais, mas de forma natural. Cenas reais e práticas com mensagens de amor, caridade, humildade.

Walter Oliveira Alves (1952-2018) foi pedagogo, psicanalista e professor universitário. Foi diretor do Instituto de Difusão Espírita, de Araras/SP, onde coordenou a área infantojuvenil, sendo autor de diversas obras sobre educação à luz do Espiritismo.

Com as crianças pequenas, podemos usar dramatizações curtas.

O teatro de fantoches agradará tanto aos pequenos como aos maiores, além de oferecer ótima oportunidade para a criança se desinibir.

O teatro permite a integração das demais artes como a música, a dança, a literatura e as artes plásticas em geral. Nesse sentido, consegue-se uma visão global da arte, integrando seus diversos aspectos e atingindo um nível muito bom de apresentação.

Numa apresentação artística que envolva os diversos grupos, consegue-se uma disciplina natural, em que os elementos percebem a necessidade desta disciplina e do espírito de colaboração entre todos, para se obter um bom espetáculo, que é de todos. O indivíduo percebe que faz parte de um grupo maior, no qual ele é, de um lado, peça importante, e de outro, parte integrante de um todo maior e que o sucesso do todo depende da colaboração de cada uma das partes.

O teatro, integrado com as diversas áreas da arte, trabalha essa disciplina autêntica e a cooperação espontânea, conduzindo a criança ao desenvolvimento dessas qualidades excepcionais, que são: o espírito de grupo, de serviço, de cooperação, de ajuda mútua, agindo como um antídoto contra o egoísmo e o orgulho, conduzindo-a, gradualmente, à autonomia moral e intelectual.

Procure iniciar as atividades de forma lúdica, incluindo atividades rítmicas e dramatização.

Antes de iniciar uma peça propriamente dita, procure trabalhar atividades para desenvolvimento da expressão corporal (expressões faciais, gestos, palavras etc), expressão verbal (dicção, voz), percepção auditiva e visual, sensibilidade e criatividade.

A seguir, introduza dramatização ou ensaio de pequenas peças, colocan-



Foto: Freepik

do em prática as atividades anteriores dentro de um esquete ou pequena peça.

Procure também interessar a criança pelo teatro, incluindo outras atividades teóricas como a história do teatro, textos interessantes, filmes etc.

Consulte a obra *O Teatro na Educação do Espírito*, que traz muitas sugestões para serem usadas em oficinas de teatro.

(Extraído do livro *Introdução ao Estudo da Pedagogia Espírita*, IDE Editora).

REE

Da teoria à prática

Os professores interagem o tempo todo, com muito diálogo, e realizam diversas atividades propostas pela Pedagogia da Sensibilidade. Somos provocadores e semeadores, pois o educando, para sua educação, depende do educador.



Orson Peter Carrara

No comentário à resposta dos Espíritos Codificadores, na questão 685 – entre outras – de O Livro dos Espíritos, Allan Kardec refere-se à educação moral, situando-a como a arte de formar os caracteres. Sim, caracteres morais, capazes de alterar todo o panorama da vida humana no planeta. Justamente pela modificação dos hábitos, alterados pela correta condução da educação, desde a infância.

O assunto é extenso, objeto de cuidados de várias análises e abordagens, face à inesgotável contribuição espírita ao importante tema.

Considerando os objetivos da publicação que o leitor visualiza, lembrei-me de antiga entrevista que fizemos com o prof. Marcus de Mario – aliás, fundador desta publicação – quando ele nos respondeu sobre um

de seus livros: Pedagogia da Sensibilidade. Dada a atualidade e importância do assunto, reproduzimos três das perguntas e respectivas respostas:

1. Explique a pedagogia do sentimento.

Na verdade é a Pedagogia da Sensibilidade. Escrevi um livro para explicá-la, mas em poucas palavras é a aplicação prática da educação moral através do estudo e vivência das virtudes, levando em conta as situações práticas da vida, fazendo o educando pensar e desenvolvendo nele o potencial intelectual e afetivo. Através do estudo e da aplicação de atividades diversas, como técnicas de sensibilização, jogos, práticas, etc., a Pedagogia da Sensibilidade trabalha a educação do ser com amor, com exemplo e com experiência prática, sensibilizando-o, despertando-o e conscientizando-o de si mesmo, do outro e de sua origem e destinação divinas.

Orson Peter Carrara reside em Matão (SP), é escritor e palestrante espírita.

2. Como são os seminários apresentados para professores e escolas?

São muito práticos, dinâmicos, mesclando sempre a teoria com a prática. Normalmente possuem duração de 4 horas, mas podem se estender por 8 horas. Os professores interagem o tempo todo, com muito diálogo, e realizam diversas atividades propostas pela Pedagogia da Sensibilidade. Somos provocadores e semeadores, pois o educando, para sua educação, depende do educador. A capacitação do educador é grande chave da questão.

3. Comente o foco central de tua atuação na área da educação.

Minha atuação é a do pesquisador em educação moral. Preocupo-me em traduzir a teoria para a prática da sala de aula, da escola e da família. Dizem que sou dotado de um senso prático muito grande, é uma característica que me leva a estar constantemente desenvolvendo cursos, seminários e oficinas de vivências. Ao mesmo tempo em que dedico horas e horas à pesquisa e ao estudo, vivo viajando atendendo professores e evangelizadores, além de realizar todo um trabalho como escritor, pois gosto muito de escrever, passando para o papel e para a internet as ideias e ideais.

* * * * *

Face à importância da contribuição para o movimento espírita, gostaria de sugerir aos dirigentes, evangelizadores e educadores espíritas ampla visita ao canal IBEMTV – clique pelo link: <https://www.youtube.com/@IbemEduca/videos> - que é recheado de conteúdos voltados à educação (dentro e fora do movimento espírita, é bom que se destaque).



Visitando o canal o leitor encontra vasto material com vídeos compactos e títulos chamativos, que despertam atenção e conduzem para uma reflexão de qualidade no grande desafio de educar. Como os vídeos são de poucos minutos, o uso na divulgação ou utilização em momentos de debates torna-se prático, didático e muito oportuno.

Será sempre valioso não perder esse foco da educação, com seus tão intensos desdobramentos. Pequenos detalhes do cotidiano, na vida familiar ou escolar, e os desdobramentos daí decorrentes, abrem imensas perspectivas de análise à luz do Espiritismo e, claro, sendo o Espiritismo uma doutrina essencialmente educativa, esse foco é indispensável.

Fica nossa sugestão aos leitores, com nossa gratidão ao professor e amigo Marcus De Mario. **REE**

Da Redação: Convidamos os leitores, também, para visitar o canal Orientação Espírita em www.youtube.com/OrientaçãoEspírita.

Educando para a vida espiritual

A razão de se nascer criança é poder ser educada novamente, cabendo aos pais apresentar-lhe novamente o mundo.



Anabela Sabino

“ **A**o desenvolver a espiritualidade em nossas crianças, as instrumentalizamos com recursos de imensurável valor, capazes de preencher o vazio existencial no qual parte da humanidade se perde.

Quando nos colocamos no centro de tudo, com a limitação materialista do existir, mais facilmente incorporamos o papel de vítima e viver pode ficar insuportável.”¹

Crescer sentindo-se parte de um projeto maior, dá sentido e significado ao existir, apoio valioso para as inseguranças da adolescência, para o enfrentamento dos desafios da vida adulta e fortalece a fé para a boa colheita, na senectude, de tudo que se plantou.

Muitos pais questionam qual a idade ideal para iniciar a religiosidade e os conceitos espíritas

em seus filhos. Quando o corpinho da criança está em formação no útero materno e o espírito, a este vinculado, sente reverberar as vibrações de amor entoadas pela oração materna em seu benefício – ali se inicia a educação do espírito para voltar-se a Deus.²

Os pais podem apresentar aos pequeninos o “Papai do Céu,” aproveitando as situações corriqueiras para agradecer e louvar ao criador pela flor que nasceu no jardim, pelo sol, pela chuva... No ritual que antecede ao dormir, incluir a presença consoladora e terapêutica do “anjo da guarda”, espírito amigo, escolhido por Deus para guiá-la e protegê-la, a quem pode recorrer quando tiver um sonho ruim e em outras situações difíceis. Em várias situações a criança se depara com a morte, a morte da formiga, do bichinho de estimação, avós ou tios, e logo virão os questionamentos motivados pelo desejo de saber mais

*Anabela Sabino
é Psicóloga
pela abordagem
transpessoal,
autora de vários
livros espíritas e
educacionais.*

a respeito: Ele está dormindo? O que vai acontecer com ele? Ele vai voltar? Ele sente dor, fome e frio? Neste processo sucessivo de pequenas informações a criança aprende que “a morte é uma passagem para o outro mundo – invisível para nós, mas tão real quanto o nosso para o espírito. Nesse mundo quem chega é recepcionados por parentes e amigos que lá estão, assim como somos recebidos na Terra ao nascermos.”³ Confortador saber que no tempo certo todos os queridos estarão juntos novamente.

Simple assim... Aumentando a complexidade dos conceitos de acordo com a evolução da maturidade e experiências da criança.

A razão de se nascer criança é poder ser educada novamente, cabendo aos pais apresentar-lhe novamente o mundo. Que esse novo olhar seja uma construção para a vida eterna, e não, unicamente para os sucessos da vida terrena.

Agradeço o convite para dar o meu recado aos pais sobre a educação do espírito e rogo à espiritualidade que está no comando deste empreendimento, inspiração para poder contribuir com pequenos apontamentos que possam ser úteis⁴.

REE



Foto: Freepik

Referências

¹ Sabino, Anabela- *Educando com Sabedoria Espírita*, 1ª edição, 2024, Boa Nova, Catanduva, capítulo 24, pg.75.

² Educação do Espírito durante a gestação: Youtube Anabela Sabino

³ Sabino, Anabela – *Educando com Sabedoria Espírita*, 1ª edição, 2024, Boa Nova, Catanduva, capítulo 44, pag.139.

⁴ www.anabelasabino.com.br

Atividade prática

Redação



Foto: Freepik

O Projeto Nosso Corpo foi idealizado para ser aplicado com crianças pequenas, na faixa etária de 1 a 3 anos, mas pode ser adaptado para outras faixas etárias maiores, prevendo um total de quatro aulas, o que também pode ser adaptado, de acordo com a realidade e as necessidades vivenciadas pelo evangelizador.

PROJETO NOSSO CORPO

Justificativa

É necessário que as crianças descubram e conheçam o próprio corpo, dádiva divina que permite a encarnação.

Objetivos

1. Conhecer o próprio corpo.
2. Descobrir os cinco sentidos.
3. Desenvolver a coordenação motora.

Tempo previsto

4 horas

Problematização

Desconhecimento, por parte das crianças, do próprio corpo.

Desenvolvimento

1ª Aula

Tema: Conhecendo Nosso Corpo
Objetivo Específico: Desenvolver na

criança a percepção do próprio corpo.
Conteúdos a Serem Desenvolvidos Através de Atividades: O corpo humano e suas partes constituintes: cabeça, olhos, nariz, boca, ouvidos, braços, mãos, pernas e pés.

2ª Aula

Tema: Conhecendo os Sentidos do Corpo I

Objetivo Específico: Fazer com que a criança desenvolva o tato e o olfato.

Conteúdos a Serem Desenvolvidos Através de Atividades: Trabalhar o sentido do Tato e o sentido do Olfato.

3ª Aula

Tema: Conhecendo os Sentidos do Corpo II

Objetivo Específico: Fazer com que a criança desenvolva a audição, visão e paladar.

Conteúdos a Serem Desenvolvidos Através de Atividades: Trabalhar os sentidos da Audição, Visão e Paladar.

4ª Aula

Tema: Como é Meu Corpo

Objetivo Específico: Levar as crianças a reconhecerem as partes do corpo.

Conteúdos a Serem Desenvolvidos Através de Atividades: Trabalhar as funções dos membros do corpo: nariz, boca, olhos, ouvidos, mãos e pés.

Atividades

O educador/evangelizador deve utilizar de sua livre criatividade, não esquecendo de pesquisar em livros específicos e na internet, atividades práticas para cada aula, assim como trocar experiências práticas com os demais educadores/evangelizadores.

Avaliação

Observação a interação das crianças nas atividades propostas e como elas fazem a descoberta do próprio corpo e de suas potencialidades, detectando



Foto: Freepik

possíveis inibições, para então ampliar conceitos e atividades de modo progressivo. **REE**

Divulgando

Redação

OBRA SOCIAL CÉLIO LEMOS

Fundada em 16 de outubro de 1970, a Obra Social Célio Lemos, em São José dos Campos/SP, é uma instituição espírita dirigida por um grupo de voluntários. Em mais de meio século de existência, a Obra Social se firmou como uma instituição que preza pela transparência em tudo que faz. Desde o seu início prioriza o atendimento às crianças com alimentação, educação e instrução e para isso, conta com o trabalho precioso de mais de 150 voluntários, que vestem a camisa da instituição e não medem esforços para desenvolver e trabalhar em ações que tragam benefícios para a Obra Social como um todo.

Acesse o site em <http://www.oscl.org.br>



REMANSO FRATERNO

Promover a educação moral e intelectual do indivíduo, empreendendo ações sociais, contribuindo assim para sua melhor atuação na sociedade. Ser uma instituição socioeducativa organizada de referência nas áreas educacional e de ação social. O Remanso Fraterno é um espaço de promoção social e educação, mantido pela Sociedade Espírita Fraternidade – SEF, e tem como finalidade colaborar para que crianças, adolescentes e suas famílias em situação de vulnerabilidade ou risco social possam se desenvolver de forma sadia e equilibrada, moral, social e intelectualmente. Está localizado em Várzea das Moças, bairro situado a cerca de 25 km do centro de Niterói/RJ e ocupa um terreno próprio de aproximadamente 50.000 m², contando com uma área construída de 3.000 m², distribuída em quatro prédios.

Acesse o site em <https://site.remansofraterno.org.br>.



LAR ANÁLIA FRANCO

Atende crianças, adolescentes, jovens e respectivas famílias, desenvolvendo projetos de apoio pedagógico, esporte e lazer, arte e cultura, suplementação alimentar, preparação visando à inserção ao mercado de trabalho e capacitação para geração de renda familiar. O Lar Anália Franco, na cidade de Jundiaí, é uma entidade beneficente sem fins lucrativos, fundada em 19 de maio de 1912, reconhecida de Utilidade Pública Federal, Estadual e Municipal, certificada com Entidade Beneficente de Assistência Social e Rede PEA – UNESCO.

Acesse o site em <https://laf.org.br>.



Pensando a educação

A Filosofia Espírita da Educação, como aliás a própria Doutrina que a gerou, é progressiva. Vai sofrendo as mutações do avanço das ciências pedagógicas, principalmente as espíritas, da Filosofia, da Religião, mas, acima de tudo, do progresso moral e espiritual do homem.

Ney Lobo, em *Filosofia Espírita da Educação*, Volume I, FEB Editora.

Só educando os elementos da sociedade, fazendo com que compreendam a necessidade do amor ao próximo e do fazer ao outro o que desejamos para nós mesmos, iniciaremos a construção de um mundo melhor, sonhado por todos nós.

Heloísa Pires, em *Educar para ser feliz*, Editora Camille Flammarion.

A missão de ser pai e mãe constitui verdadeiro sacerdócio educativo, com serviços bem maiores na formação moral que os cuidados com o corpo físico e o progresso escolar dos filhos. Os pais devem preocupar-se muito além dos horizontes físicos e intelectuais na formação da personalidade dos filhos.

Walter Barcelos, em *A arte moral de educar os filhos*, Editora Didier.

A missão da paternidade não se resume a oferecer o corpo material, mas a sustentar, amparar, dar segurança, educar, estimulando o desabrochar das potencialidades divinas incrustadas no âmago desse espírito imortal, enfim, amá-lo e reconduzi-lo para Deus.

Gladis Pedersen, em *Educação: a arte de manejar o caráter*, Olsen Editora.

Meus amigos, a Terra é nossa escola milenária e sublime. Jesus é o nosso Divino Mestre. O Espiritismo é, sobretudo, obra de educação. Façamos da educação com o Cristo, o culto de nossa vida, para que a nossa vida possa educar-se e educar com o Senhor, hoje e sempre.

Emmanuel, em *Taça de luz*, LAKE Editora.

revista
EDUCAÇÃO ESPÍRITA